

Informação e ação:

notas sobre a experiência interdisciplinar na Filosofia

Mariana Claudia Broens

Maria Eunice Quilici Gonzales

Willem F. G. Haselager

Como citar: BROENS, M. C. ; GONZÁLES, M. E. Q. ;
HASELAGER, W. F. G.
Informação e ação: nota sobre a experiência interdisciplinar na
Filosofia. In: GONZÁLES, M. E. Q. ; BROENS, M. C. ;
MARTINS, C. A.(org.). **Informação, Conhecimento e Ação
Ética**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura
Acadêmica, 2012. p. 91-108.
DOI:<https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983-344-1.p.91-108>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

INFORMAÇÃO E AÇÃO: NOTAS SOBRE A EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR NA FILOSOFIA¹

*Mariana Claudia Broens
Maria Eunice Quilici Gonzales
Willem F. G. Haselager*

INTRODUÇÃO

A ação cotidiana e as atividades filosófica e científica são moldadas pela informação, a qual se torna cada vez mais disponível, em ritmo acelerado, em meios digitais tornando-as quase que imediatamente públicas. Mas, o que é isso que chamamos “informação”? Qual é a sua natureza ontológica e epistemológica? De que maneira a informação afeta nossa ação e a dos outros seres que nos cercam? Temos controle sobre os processos informacionais que afetam nossas decisões? Estas e outras questões têm sido colocadas nos últimos anos entre os estudiosos da informação.

Entendemos que a reflexão filosófica pode auxiliar na compreensão, formulação e busca de resposta às questões vitais que se

¹ Apoio CNPq./FAPESP.

colocam no âmbito dos estudos contemporâneos sobre a relação entre informação, conhecimento e ação. Contudo, isoladamente, a Filosofia não tem condições de realizar essa tarefa que se complexifica a cada passo da evolução tecnológica e científica. Nesse sentido, argumentaremos em defesa da hipótese segundo a qual a pesquisa filosófico-interdisciplinar se faz, não apenas necessária, mas imprescindível no estudo de questões sobre a natureza da informação e sua influência na ação e nos processos de aquisição do conhecimento. Para fundamentar essa hipótese, dividimos o presente trabalho em três partes: Na Parte I, desenvolvemos uma reflexão sobre o “*fazer*” filosófico, ressaltando a importância da experiência filosófico-interdisciplinar na contemporaneidade. Na Parte II, analisamos algumas das principais características da *experiência interdisciplinar*, ilustrando-a na Ciência Cognitiva. Uma das razões para a referência a essa ciência no presente trabalho é que tecnologias desenvolvidas a partir de suas pesquisas têm contribuído, de forma significativa, para a geração de artefatos informacionais, em especial na Inteligência Artificial, que propiciam uma nova agenda de problemas filosóficos. Na Parte III, apresentamos um estudo de caso de efeitos do atual desenvolvimento de artefatos informacionais na interação interpessoal via internet.

Em síntese, enfatizamos neste capítulo a relevância da Filosofia para formular e auxiliar o estudo de problemas fundamentais sobre o desenvolvimento e emprego de tecnologias informacionais na sociedade contemporânea, bem como a crescente necessidade de colaboração interdisciplinar na compreensão dos rumos desse desenvolvimento. Cabe ressaltar que a reflexão provisória aqui apresentada possui uma trajetória inspirada no valioso exemplo de filósofos que, sem perder de vista a especificidade da pesquisa filosófica, abriram caminhos para a reflexão interdisciplinar. A atividade filosófica de Antonio Trajano Menezes pode ser tomada como modelo dessa trajetória. Seguindo sua trilha, entendemos que:

Embora filosofia e dança sejam coisas muitíssimo diferentes, há um importante e decisivo elemento comum entre elas, que é serem *formas de arte* (ao menos no sentido amplo, mas alguns diriam que não só nele). Na segunda trata-se de arte de movimentar e controlar o corpo, de criar e executar movimentos associados com o ritmo e a melodia da música. Na primeira se trata-se da arte de levantar uma questão nestes ou naqueles termos (ou de abster-se de levantá-la, quando se julgar epistemicamente inapropriado fazê-lo), da arte de buscar respostas e avaliá-las, da arte de

argumentar (ou de abster-se de fazê-lo quando se pressente que já se chegou ao 'inargumentável', ao 'axiomático'). (ARRUDA, 2011, p. 27).

Como ressaltado na citação acima, uma das principais características da atividade filosófica consiste na arte de formular problemas. Procuraremos mostrar que, esta arte pode contribuir, de forma significativa, para a pesquisa interdisciplinar sobre o impacto das tecnologias informacionais na ação humana.

PARTE I- A ATIVIDADE FILOSÓFICA

Uma interrogação inicial que filósofos levantam frequentemente diz respeito à natureza da própria Filosofia. É surpreendente constatar a variedade de caracterizações da Filosofia que a tradição ocidental propõe, há milênios: busca pela sabedoria; método para guiar a ação; investigação racional dos princípios do ser, do conhecimento e da conduta; compreensão dos limites da razão; interpretação do mundo para modificá-lo; busca por clarificação do pensamento ou de conceitos; elucidação de categorias subjacentes à linguagem, dentre inúmeras outras.

A dificuldade enfrentada pela Filosofia para definir de modo consensual seu objeto pode causar estranheza, mas essa estranheza se dissipa quando compreendemos que a diversidade metodológica e epistêmica é enriquecedora no estudo de fenômenos complexos, evitando muitas vezes dogmatismos e posturas unilaterais.

Nessa perspectiva, cabe à Filosofia investigar problemas complexos a partir de suas diferentes abordagens metodológicas. Dentre tais problemas se destacam os que se interrogam sobre a natureza da ação humana e o próprio sentido da vida; a caracterização do conhecimento; a possibilidade do livre arbítrio; a identidade pessoal; a relação mente/corpo e aqueles relacionados a dilemas morais e políticos, dentre outros

Como resalta Arruda (2011, p. 4-12), assim como as demais áreas do conhecimento, a construção da Filosofia é uma tarefa coletiva, dinâmica, sujeita a constantes revisões e reformas. Entretanto, a Filosofia tem uma característica que a particulariza: as teses e os métodos filosóficos

frequentemente competem entre si, mas não é possível reconhecer os vencedores dessa competição, pois, em geral, as teses dos diferentes sistemas filosóficos são sustentadas por argumentos bem estruturados e plausíveis no interior de sua estrutura conceitual.

A relação entre a Filosofia e sua história, conforme aponta Arruda (2011), acarreta várias consequências, nem todas desejáveis, mas que não conseguimos evitar facilmente. Uma delas é a suposição de que a atividade filosófica deve ser mediada pela história da filosofia. Para muitos, a reflexão filosófica será reconhecida como tal apenas se estiver inserida numa rota filosófica previamente traçada pelos clássicos. Esta concepção constitui basicamente uma salvaguarda metodológica, desejável, contra tentativas ingênuas de resolver problemas através de argumentos ou instrumentos reflexivos anteriormente postulados, evitando-se, assim, “arrombar portas abertas” ou “reinventar a roda”.

Mas uma aplicação extremada dessa salvaguarda acaba por gerar uma tese problemática: a de que o exercício do filosofar precisa ser precedido por justificativa histórico-filosófica. Em outras palavras, a reflexão filosófica deve se submeter e se remeter à autoridade dos clássicos. Uma ilustração desta tese consiste, por exemplo, quando se considera que um texto filosófico sobre o problema da relação mente/corpo deve necessariamente se restringir à reprodução passo a passo dos argumentos utilizados por algum filósofo, como Descartes.

Os defensores da aplicação extremada da salvaguarda metodológica acima, frequentemente invocam em sua defesa as colocações de Victor Goldschmidt (1963), para quem as doutrinas filosóficas, como a cartesiana, são indissociáveis dos movimentos lógicos de que são fruto. Para interpretar filosoficamente um sistema filosófico é preciso, segundo ele, acompanhar os movimentos reflexivos que se exprimem na sucessão logicamente coerente de teses e evitar o impulso de refutação, pois tal impulso resultaria da incompreensão dogmática dos movimentos lógicos que deram origem ao sistema. Para Goldschmidt (1963, p. 139, destaque nosso):

A filosofia é explicitação e discurso. Ela se explicita em movimentos sucessivos, no curso dos quais produz, abandona e ultrapassa teses ligadas umas às outras numa ordem por razões. A progressão (método) desses movimentos dá à obra escrita sua estrutura e efetua-se num

tempo lógico. A interpretação consistirá em reapreender, conforme à intenção do autor, essa ordem por razões, e em *jamaís separar as teses dos movimentos que as produziram*).

Assim sendo, na perspectiva estruturalista defendida por Goldschmidt, a tentativa de avaliar teses filosóficas fora do contexto ontológico e metodológico que as gerou é sinal de dogmatismo. Isto se deve a que tal avaliação seria apenas possível a partir de outras teses filosóficas previamente julgadas verdadeiras pelo intérprete.

Desse modo, chegamos a um impasse: por um lado, inserir nossa reflexão nos “[...] rumos e problemáticas e quadros de referência para a reflexão dita filosófica [...]” (PORCHAT, 1975) pode evitar a repetição desnecessária de problemas já formulados e satisfatoriamente tratados por outros filósofos; por outro lado, a filiação irrestrita a quadros de referência consagrados parece impossibilitar, na prática, a produção de uma reflexão filosófica autônoma. Tal impossibilidade prática resulta, entre outras, do tempo que a interpretação estrutural dos sistemas filosóficos demanda. Adiciona-se a essa dificuldade a proibição explícita formulada por Goldschmidt (1963) de avaliar as teses filosóficas fora do contexto lógico em que foram geradas.

Diante desse impasse, como lembra Arruda (2011, p. 28-35), boa parte dos professores brasileiros de filosofia, até pela formação estruturalista presente em muitos dos cursos de Graduação em Filosofia de nosso país, optou por privilegiar, no ensino e em sua pesquisa, a interpretação estrutural dos sistemas filosóficos. Diante da situação do ensino da Filosofia gerada pela tradição estruturalista, aponta ainda Porchat (2011):

Começar a filosofar sem fazer seriamente história da filosofia, a meu ver, é insensato. Mas deixar o filosofar para o dia em que se for um historiador consumado, é mais insensato ainda. As duas coisas têm de caminhar juntas, e tenho a impressão de que, na maior parte de nossos cursos universitários de filosofia, se tem esquecido essa outra dimensão do estudo da filosofia, que é estimular a reflexão pessoal e filosófica dos alunos.

Na direção apontada por Porchat, outros filósofos, como por exemplo Ryle (2000) e Arruda (2011), entendem que, além de formular

problemas, a atividade filosófica está também voltada à investigação/ busca de elucidação e, por vezes, à dissolução de pseudoproblemas. Essa vertente também entende que a história da filosofia pode fornecer ricos instrumentos, especialmente sobre possíveis tentativas, anteriormente efetuadas, de enfrentar problemas filosóficos, mas não considera que as ferramentas estruturalistas de interpretação de sistemas filosóficos sejam sempre necessárias ou mesmo adequadas e nem que as teses filosóficas parem numa temporalidade lógica acima da possibilidade de refutação. Nessa vertente, os sistemas filosóficos passam a desempenhar um papel importante no cenário filosófico, porém não mais exclusivo. Como indica Arruda (2011, p. 12):

Se imaginarmos uma peça de teatro que conte a história da Filosofia, verificaremos que nela várias coisas importantes são, no entanto, relativamente passageiras: é o caso das escolas filosóficas – racionalismo, empirismo, idealismo, materialismo, espiritualismo – e dos próprios filósofos; nenhum desses é o personagem principal da peça. Eles aparecem em determinados momentos, depois somem, e às vezes reaparecem para depois desaparecerem novamente. Mas há dois personagens que, esses sim, aparecem o tempo todo e, por essa razão, entre outras, são os personagens centrais da Filosofia e de sua História: um é o problema/questão/tema filosófico, de que acabamos de falar, e o outro é o método utilizado no tratamento daqueles [...].

Especialmente quando se trata de problemas filosóficos complexos, abordagem interdisciplinar ressalta que um diálogo com outras áreas do conhecimento pode ampliar a compreensão dos mesmos. Tal diálogo pode colocar problemas clássicos sob um novo e mais amplo enfoque, levando em consideração aspectos que antes passaram despercebidos ou que as ferramentas estritamente filosóficas de análise não conseguiram detectar.

Entendemos que o diálogo interdisciplinar pode minimizar o receio de que a avaliação de teses filosóficas seria dogmática: graças a esse o diálogo é possível investigar teses filosóficas a partir de resultados obtidos por pesquisas efetuadas em outras disciplinas. A abordagem interdisciplinar se mostra especialmente importante no que se refere a problemas complexos, como o da natureza da mente, por exemplo, os quais envolvem aspectos empíricos que a abordagem estritamente filosófica é incapaz de investigar.

II A EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR: ASPECTOS TEÓRICOS E PRÁTICOS

Nesta seção, discutiremos aspectos teóricos e práticos da pesquisa interdisciplinar, com especial ênfase na área de Ciência Cognitiva e Filosofia da Mente. Apresentaremos inicialmente aspectos gerais da pesquisa *interdisciplinar*, contrastando-a com as atividades filosófica e científica vigentes (principalmente no Brasil) que são, na sua grande maioria, *disciplinares*. Em seguida, exemplificamos a atividade de pesquisa interdisciplinar através da apresentação da Ciência Cognitiva, cuja constituição e desenvolvimento dependem, necessariamente, da cooperação entre várias disciplinas. Tem sido crescente a referência à importância da *pesquisa interdisciplinar* nos meios acadêmicos, mas tal referência nem sempre explícita o que pode (ou deve) ser entendido por esse tipo de pesquisa. Na tentativa de delimitar os elementos centrais constitutivos da pesquisa interdisciplinar, contrastaremos (sem criar uma oposição) as principais características da investigação interdisciplinar e disciplinar.

A *disciplinaridade* se caracteriza pela prática, principalmente metodológica, de divisão do conhecimento em áreas específicas. Essa prática disciplinar foi consagrada na filosofia com o *método de análise e síntese*, adotado por Descartes a partir dos seus estudos do método de resolução de problemas geométricos, proposto originalmente por Pappus. De acordo com tal método, para resolver um problema devemos subdividi-lo em tantas partes quantas se fizerem necessárias, buscando uma solução, isoladamente, para cada um dos seus correspondentes subproblemas, supostamente mais simples do que o problema original que os contém.

Pappus, e posteriormente Descartes, nos alerta para os riscos envolvidos nesse procedimento de análise, que constitui apenas uma heurística: a divisão do problema em subproblemas, quando realizada sem um critério de relevância apropriado, pode conduzir a um número indefinido de subproblemas sem solução, deixando igualmente não resolvido o problema original do qual se partiu no início da análise. Contudo, nos casos em que se consiga resolver os problemas mais simples que compõem o problema original, então, de acordo com esse método heurístico, devemos iniciar o procedimento de *síntese*, que consiste em reconstruir, inversamente, o caminho percorrido na análise. Na síntese, partindo dos problemas mais simples solucionados a que chegamos na

análise, traçamos o caminho inverso da análise até chegarmos ao problema inicial que queríamos resolver (GONZALEZ, 1984).

É importante compreender que, enquanto um procedimento heurístico, esse método não oferece garantias de solução de problemas complexos, mas pode auxiliar na resolução de problemas específicos, principalmente os matemáticos, computacionais e lógicos.

O método heurístico de análise e síntese foi difundido na Filosofia a partir do século XVII. Nas *Meditações*, por exemplo, Descartes tem um problema central que reside na árdua tarefa de fundamentar o conhecimento científico. Ao subdividir esse problema em subproblemas, através do exercício da dúvida hiperbólica, ele exemplifica a aplicação do procedimento de análise que é finalizado ao se atingir a suposta certeza da existência de uma verdade indubitável: “eu sou, eu existo” (DESCARTES, 1994, p. 108). A hipótese da existência do eu pensante fornecerá o ponto de partida do processo de síntese: ao reconstruir o caminho inverso da análise, Descartes completa as duas etapas do método que o conduzirá à resolução do seu problema inicial: a fundamentação da ciência estará alicerçada no pressuposto do *cogito*, cuja existência forneceria garantias de um conhecimento certo e seguro.

A elegância e a funcionalidade do *método de análise e síntese* possui inegável valor na investigação de problemas filosóficos e científicos. Ele vem direcionando a prática da pesquisa científica desde Galileu, Newton, Kepler, Darwin, entre muitos outros, tendo conduzido, nos séculos subsequentes, a uma crescente especialização do trabalho de pesquisa que se torna cada vez mais específico e disciplinar. Nesse contexto, a pesquisa disciplinar conduz a um cenário em que o conhecimento é especializado e compartimentado, levando à resolução de problemas cada vez mais específicos em domínios igualmente específicos. O sucesso alcançado na atividade de resolução de problemas específicos influenciou, em grande parte, as práticas de ensino na Filosofia e nas ciências em geral. Até o final do século passado, as disciplinas constitutivas do currículo básico da maioria das universidades refletiam práticas fundadas em métodos específicos de análise. Um bom exemplo dessa sucessiva divisão disciplinar ao longo do tempo é a *Medicina*. Sobretudo no século XX, foram surgindo dezenas de especialidades e subespecialidades médicas conforme uma

delimitação progressiva dos *objetos* a serem tratados que resultou do próprio processo de análise. As áreas de especialização médica são classificadas em cinquenta diferentes categorias, segundo o Conselho Federal de Medicina². Por exemplo, a especialidade *Ortopedia* se divide em quatro subcategorias: *Doenças Muscoesqueléticas*, *Fármacos para os ossos*, *Fraturas e Próteses*. Por fim, a subcategoria *Doenças Muscoesqueléticas* se divide em duas subsubcategorias: *Doenças Musculares* e *Doenças Esqueléticas*. Foi no final do século passado, com o surgimento de teorias da Complexidade, da Auto-organização e da Teoria Geral dos Sistemas, que novas perspectivas metodológicas começaram a ser esboçadas.

Sem aprofundar a discussão sobre os limites e alcance da pesquisa disciplinar, é conveniente contrastá-la com a pesquisa interdisciplinar, segundo a qual se enfatiza a busca de relações de cooperação e interdependência entre disciplinas, ou entre diferentes domínios do conhecimento, no estudo de problemas. Uma característica central da pesquisa interdisciplinar é que ela se desenvolve a partir de um *problema* ou um tema de investigação cuja compreensão envolve múltiplas perspectivas que serão objeto de análise de pesquisadores que possuem interesses em comum.

No caso específico da reflexão filosófica, os problemas passíveis de investigação interdisciplinar não se resumem a uma forma interrogativa expressando um assunto dito filosófico. Não se trata apenas de formular problemas, a partir de uma única perspectiva, do tipo “O que é informação?”, “Como se relacionam informação, percepção e ação?” ou “Qual é a relação entre informação e conhecimento?”. Conforme ressalta Arruda (2011), é preciso, também que aquilo que se pergunta tenha uma relação visceral para os pesquisadores; que se constitua um problema real comum, no sentido de incomodá-los, e não apenas um exercício da razão:

Quer dizer, o assim chamado problema tem de ter uma real *problematicidade*. Esse é um elemento que faz o problema interessante, que torna a questão filosófica interessante. As questões da Filosofia estão entre as questões teóricas que mais fortemente despertaram, e continuam despertando, o interesse dos seres humanos; são questões que estes colocaram em diversos momentos do passado, e insistem em continuar colocando hoje. (ARRUDA, 2011, p. 23).

² Como indicam a Resolução CFM 1634/2002 e Resolução CFM 1666/2003, acessíveis no endereço eletrônico: http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/cfm/2002/1634_2002.htm

Para vencer as dificuldades inerentes à pesquisa interdisciplinar, os pesquisadores das diferentes áreas terão que ser *motivados* por problemas genuínos, que constituam um obstáculo a ser superado na dinâmica de sua prática disciplinar.

Uma segunda característica da interdisciplinaridade diz respeito à busca de um *vocabulário comum, que respeite as especificidades* próprias das várias disciplinas envolvidas em um sistema integrado de pesquisa, mas que possibilite, ao mesmo tempo, a expansão do universo conceitual no interior do qual um problema poderá ser investigado. A criação de um vocabulário comum, que propicie um diálogo interdisciplinar, pode levar vários anos de cooperação mútua.

Além disso, em contraste com a pesquisa disciplinar que segmenta em sua análise os problemas em subproblemas, a pesquisa interdisciplinar busca compreendê-los em contextos amplos que envolvem, muitas vezes, diferentes temporalidades e técnicas de análise. A busca da *unidade na multiplicidade* é uma terceira característica da pesquisa interdisciplinar que constitui, também, um traço marcante da ciência dos sistemas complexos.

Uma quarta característica da pesquisa interdisciplinar é que ela pode variar em *abrangência*, dependendo das conexões disciplinares envolvidas na busca de explicação de um problema ou de um tema de investigação. Assim, como veremos, a pesquisa de problemas, como aquele do impacto das novas tecnologias informacionais na identidade pessoal, requer uma interdisciplinaridade abrangente, posto que sua compreensão envolve parcerias entre Filosofia, Ciência Cognitiva, Ciência da Informação, Psicologia, Antropologia, Sociologia, entre outras. Já a parceria entre áreas de Física, Matemática, Arquitetura, Meio Ambiente e Engenharia no estudo de problemas práticos de construção e manutenção de estruturas físicas, por exemplo, pode envolver uma menor abrangência interdisciplinar.

No que diz respeito aos *aspectos práticos*, relativos, por exemplo, ao ensino da pesquisa interdisciplinar, o seu sucesso requer uma postura criativa, flexível, de tolerância, motivação e curiosidade por parte do professor. Este deve estar preparado para participar de seminários, congressos e debates em áreas com as quais está, inicialmente, pouco familiarizado, mas que tratam de *problemas* que possuem elementos

relevantes em comum. Como veremos a seguir, a Ciência Cognitiva ilustra uma área de pesquisa e ensino interdisciplinar na qual as características acima podem ser facilmente notadas.

A Ciência Cognitiva é uma área de investigação interdisciplinar, oficialmente reconhecida na década de 60, que reúne várias disciplinas no estudo da mente, em particular dos processos cognitivos, destacando-se a Filosofia, a Ciência da Informação, a Física, as Neurociências, a Linguística, a Computação, a Sociologia e a Psicologia. Um dos objetivos centrais dessa ciência é explicar a natureza da atividade inteligente através de modelos computacionais e robóticos que, supostamente, simulam ou reproduzem os processos cognitivos que envolvem a manipulação de informação.

Na década de 1970, grande parte dos cognitivistas apresentaram evidências fortalecedoras da concepção mecanicista da mente, segundo a qual os processos mentais inteligentes seriam nada mais do que processos mecânicos instanciados em sistemas físicos processadores de informação. Nessa área, a informação é geralmente entendida como um conjunto de símbolos que pode ser instanciado em uma máquina de Turing.

Não cabe entrar em detalhes aqui sobre a pertinência da informação assim concebida, como um conjunto de símbolos, para fundamentar a hipótese de sistemas físicos simbólicos (NEWELL; SIMON, 1976) na Ciência Cognitiva da década de 1970, bastante polêmica, segundo a qual a inteligência poderia ser propriamente analisada através de modelos mecânicos processadores de informação. Nos limitaremos a indicar a influência integradora da Filosofia no projeto de pesquisa cognitivista, que unifica as várias áreas mencionadas através de um eixo reflexivo sobre problemas filosóficos.

O papel central da Filosofia se faz notar não só através da investigação dos pressupostos teóricos da Ciência Cognitiva e da verificação de sua coerência metodológica, mas, principalmente, através do estabelecimento da agenda dos problemas a serem investigados nessa área. Os problemas comuns que compõem essa agenda são: a relação entre informação e ação, entre mente e corpo, a natureza da ação inteligente, autonomia e mecanicismo, identidade pessoal, entre outros. Tal agenda viabiliza o intercâmbio entre as mencionadas disciplinas que contribuem

para o avanço das fronteiras atualmente existentes no estudo de tais problemas. Além disso, cabe ressaltar o papel crítico dos filósofos, tais como Hilbert Dreyfus (1972, 1992) e John Searle (1980), ferrenhos opositores da hipótese mecanicista da mente.

Se por um lado os filósofos envolvidos na pesquisa interdisciplinar ampliam suas fronteiras ao estabelecer contato com várias ciências, por outro, os cientistas também se enriquecem pela absorção do característico método de análise filosófica. Além disso, uma das razões que motivam o interesse filosófico pelos estudos da Ciência Cognitiva é que ela tem contribuído, de forma significativa, para a geração de artefatos informacionais, em especial na Inteligência Artificial e na Robótica. Estes artefatos, como indicaremos, vêm afetando não apenas os hábitos coletivos dos seres humanos, mas também a nossa identidade. No que se segue, exemplificamos a contribuição da pesquisa filosófico-interdisciplinar em um estudo de caso para o qual o desenvolvimento da Ciência Cognitiva levou à elaboração desses artefatos inteligentes processadores de informação.

III A PESQUISA FILOSÓFICO INTERDISCIPLINAR EM UM ESTUDO DE CASO

Uma boa ilustração da perspectiva que esboçamos acima é o efeito dos atuais desenvolvimentos da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) sobre os indivíduos e a sociedade. Entendemos que esta nova tecnologia levanta importantes questões filosóficas, algumas delas clássicas, mas que exigem, ao mesmo tempo, uma abordagem interdisciplinar.

Sherry Turkle, socióloga e psicóloga clínica, aponta em um artigo (2008) e em seu último livro (2011a) que atualmente as pessoas tendem a se conectar aos seus aparelhos digitais (celulares, *smartphones*, *laptops*, entre outros) por meio de uma “coleira invisível”, fenômeno que ela denomina “sempre ligados/sempre-ligados–a-nós” (“*always on/always-on-us*”). Levamos conosco nossas informações e nossos aparelhos de comunicação e quase nunca os desligamos (exceto, por exemplo, em aviões). Turkle (2008, p. 122) entende que este fenômeno traz importantes consequências para nosso *self*: “O *self*, ligado a esses aparelhos, ocupa um espaço-limite entre a realidade física e as vidas digitais que existem em múltiplas telas.”

Nesse contexto, através de nossos aparelhos, estamos em algum lugar entre a realidade física e o âmbito digital, em um espaço que não é inteiramente público e nem completamente privado. Em termos filosóficos, é interessante notar que a TIC retira a importância do “onde estamos”. Como Turkle observou em uma entrevista recentemente publicada em jornal holandês (TURKLE, 2011b): é como se usássemos os aparelhos para “vaporizar” o que está ao nosso redor ou para colocar as pessoas no “modo de espera”. A localização física das pessoas está deixando de ser um aspecto importante para a comunicação: para grande parte dos usuários da TIC, a acessibilidade existente entre a pessoa e seus aparelhos conectados à rede passou a ser o aspecto mais relevante. Nas palavras de (TURKLE, 2008, p. 122): “A conectividade que realmente importa é determinada pela nossa acessibilidade à tecnologia de comunicação.”

Um primeiro ponto a ser ressaltado é que a mencionada mudança na localização dos indivíduos não está baseada em especulações, intuições pessoais ou observações casuais. Ao contrário, ela está fundada (como entendemos que deve ser) em pesquisas empíricas efetuadas por psicólogos (como WALSH; WHITE; YOUNG, 2008), antropólogos (HORST; MILLER, 2006) e sociólogos como a própria Sherry Turkle.

Ao mesmo tempo, questões filosóficas relacionadas aos problemas da relação entre informação e ação, a natureza do *self* e a identidade pessoal são vitais e exigem uma reflexão filosófico-crítica. No que diz respeito à relação entre informação e ação, filósofos como Dretske (1981, 1995), Juarrero (1999), Pereira Junior e Gonzalez (1995, 2008) compartilham a perspectiva interdisciplinar para investigar a natureza ontológica e epistêmica da informação. Distinguindo a relação informacional da relação estritamente causal, eles atribuem à primeira o papel direcionador da ação em um sistema dinâmico evolutivo de interações estabelecidas entre indivíduos e ambiente. Assim, por exemplo, uma luz vermelha acessa em um semáforo pode desempenhar o papel causal de ativar as células da retina de um ser humano. Contudo, a informação *PARE* encapsulada na luz vermelha vai além dessa mera ativação, indicando uma ação possível no contexto urbano contemporâneo. Na condição de aprendizes do complexo fenômeno informacional e de seu vínculo com o direcionamento da ação (consciente ou inconsciente), bem como do impacto da *Virada*

informacional na Filosofia (ADAMS, 2003), entendemos que a parceria interdisciplinar é fundamental para o avanço na compreensão, seja da natureza ontológica e/ou epistêmica da informação, seja de seu impacto nos hábitos cotidianos das mais variadas espécies.

No que diz respeito à questão da relação entre informação e a natureza do *self* e da identidade pessoal, tomemos como exemplo a seguinte linha de raciocínio: filósofos interessados, como nós, na cognição incorporada e situada sustentam que a natureza da interação corpórea com o ambiente é essencial para a conduta, a cognição e a personalidade. Dessa perspectiva, é possível argumentar que se a TIC provoca mudanças significativas na corporeidade e na localidade de seus usuários, ela pode acarretar importantes consequências para o *self* e a identidade pessoal dos mesmos. Por exemplo, a coleira invisível que nos conecta continuamente com os aparelhos digitais pode ser considerada um tipo de extensão corporal e cognitiva (CLARK, 2003, 2008).

Além disso, a crescente presença dos indivíduos no referido espaço-limite, situado entre a realidade física e a informacional, pode ser vista como uma mudança fundamental em na concepção comum de “localidade”, enfraquecendo nosso enraizamento espaço-temporal (acompanhado de práticas e valores socioculturais). Esse desenraizamento torna mais relevante a presença virtual em um conjunto efêmero de matrizes informacionais (com suas práticas socioculturais que podem mudar com a velocidade de um *click do mouse*). Nesse contexto, problemas fundamentais para a reflexão filosófico-interdisciplinar incluem: Quais são as implicações dessas mudanças na auto-compreensão humana, na natureza da identidade pessoal e na personalidade? O que conservamos de nosso *self* estável se podemos nos deslocar de um meio (virtual) para outro na mesma velocidade que a eletricidade? O que permanece da influência que o ambiente social exerce sobre nós se podemos colocar o ambiente no “modo de espera” ou evadir-nos para outra comunidade virtual? Que implicações se seguem das práticas no *cyber* espaço para a concepção ética sobre a responsabilidade moral (por exemplo, sobre o cuidado e o respeito pelos seres vivos) das crianças que hoje crescem em um ambiente repleto de aparelhos do tipo “sempre ligados/sempre ligados-a-nós”? Entendemos

que a Filosofia pode desempenhar um importante papel investigando estas questões, mas não sem a ajuda de outras disciplinas.

Em síntese, procuramos ilustrar, com o exemplo da influência da TIC na vida cotidiana de seus usuários e do papel direcionador da ação desempenhado pela informação, como a Filosofia pode se tornar mais rica graças às investigações dos problemas apontados, uma vez que considera um conjunto amplo de dados empíricos, isto é, ao sair do isolamento em que frequentemente se encontra em sua “reflexão de gabinete”. Além disso, a Filosofia se enriquece também porque tem a oportunidade de mostrar sua relevância para a análise, compreensão e, talvez, delineamento dos desenvolvimentos futuros concernentes, por exemplo, ao impacto da tecnologia de informação e comunicação sobre o *self* e a identidade pessoal. As várias ciências, parceiras nesse esforço interdisciplinar só terão a ganhar no desenvolvimento de suas pesquisas que se enriquecerão, por suas vez, com o estudo das possíveis implicações que a produção e o uso generalizado de tais artefatos tecnológicos podem acarretar para a existência humana.

IV OBSERVAÇÕES FINAIS E NOVAS PERSPECTIVAS PARA A PESQUISA FILOSÓFICO-INTERDISCIPLINAR

Apoiados em Arruda (2011), ressaltamos que a Filosofia investiga questões que expressam, muitas vezes uma “real problematidade”, tais como os problemas da relação entre informação e ação e da identidade pessoal, que continuam a desempenhar um papel relevante na pesquisa filosófica. A pesquisa interdisciplinar, por sua vez, é impulsionada pelas questões vitais (em contraste com questões meramente intelectivas) que fortemente despertaram e continuam despertando o interesse humano. De nossa perspectiva, a Ciência Cognitiva oferece uma oportunidade ímpar para que a Filosofia levante e investigue problemas relevantes para o entendimento do papel desempenhado pelas tecnologias da informação na identidade e na ação humana. A Filosofia está impregnada da sabedoria do passado, mas pode igualmente dirigir suas investigações ao futuro: ela não precisa se contentar apenas em mostrar a argúcia de suas análises a partir da venerável história de grandes pensadores; ela pode também mostrar sua vitalidade à sociedade contemporânea colaborando ativamente com

as várias disciplinas empíricas no empreendimento interdisciplinar da Ciência Cognitiva e de outras ciências.

No início deste capítulo citamos a passagem em que António Trajano Menezes Arruda ressalta que “Embora filosofia e dança sejam coisas muitíssimo diferentes, há um importante e decisivo elemento comum entre elas”. Procuramos aqui prestar uma homenagem à dança filosófica de Trajano Arruda, da qual participamos, por muitos anos, como parceiros entusiastas. Apoiados em bases teóricas e em alguns exemplos efetivos, nosso objetivo foi mostrar que a Filosofia não precisa reear a dança com suas parceiras científicas. Acreditamos que, como Trajano, a Filosofia será capaz de dançar com elegância por longos anos abrindo caminhos para a reflexão acerca de problemas que realmente importam para a vida.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, F. The informational turn in philosophy. *Minds and machines*, Dordrecht, v. 13, n. 4, p. 471–501, Nov. 2003.
- ARRUDA, A. T. M. *A filosofia: sua natureza, seus problemas, seu método*. São Paulo: REDEFOR/UNESP-SEED-SP, 2011. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40351/3/2ed_filo_m1d1.pdf>. Acesso em: 10 out. 2011.
- CLARK, A. *Natural born cyborgs*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- _____. *Supersizing the mind, embodiment, action, and cognitive extension*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- DESCARTES, R. Meditações. In: _____. *Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- DRETSKE, F. I. *Knowledge and the flow of the information*. Oxford: Blackwell Publisher, 1981.
- _____. *Naturalizing the mind*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- DREYFUS, H. *What computers can't do: the limits of artificial intelligence*. New York: Harper and Row, 1972.
- _____. *What computers still can't do: A critique of artificial reason*. Cambridge MA: MIT Press, 1992.
- GOLDSCHMIDT, V. Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos. In: _____. *A religião de Platão*. Trad. de Oswaldo Porchat. São Paulo: Difel, 1963. Disponível em <http://www.dfmc.ufscar.br/uploads/documents/5078a0dc6a473.pdf>. Acesso em 23/05/2011.

- GONZALEZ, M. E. Q. *Metodologia da descoberta científica e inteligência artificial*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas , Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1984.
- HORST, H.; MILLER, D. *An anthropology of communication*. Oxford: Berg Publishers, 2006.
- JUARRERO, A. *Dynamics in action: intentional behavior as a complex system*. Cambridge: MIT Press, 1999.
- NEWELL, A.; SIMON, H. A. Computer science as empirical inquiry: symbols and search. *Communications of the ACM* , New York, v. 19, n. 3, p. 113–126, Mar. 1976.
- PORCHAT, O. A filosofia e a visão comum de mundo. 1975. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/porchat.htm>>. Acesso em: 23/09/ 2011.
- _____. *Ensino da filosofia na universidade brasileira*. Disponível em: <<http://www.jcrisostomodesouza.ufba.br/porch1.html>>. Acesso em: 14/11/2011.
- PEREIRA JUNIOR, A.; GONZALES, M. E. Q. Informação, organização e linguagem. In: ÉVORA, F. R. R. (Ed.). *Espaço e tempo*. Campinas: CLE/UNICAMP, 1995. p. 255-290. (Coleção CLE, v. 15).
- _____. O papel das relações informacionais na auto- organização secundária. In: BRESCIANI FILHO, E.; D’OTTAVIANO, I. M. L.; GONZALEZ, M. E. Q. (Org.). *Auto-organização: estudos interdisciplinares*. Campinas: CLE/UNICAMP, 2008. p. 177-199. (Coleção CLE, v. 52).
- SEARLE, J. R. Minds, brains, and programs. *Behavioral and Brain Sciences*, Cambridge, v. 3, n. 3, p. 417-457, 1980 . Disponível em: <<http://www.class.uh.edu/phil/garson/MindsBrainsandPrograms.pdf>>. Acesso em: 23/09/2011.
- TURKLE, S. Always-on/always-on-you: the tethered self. In: KATZ, J. E. (Ed.). *Handbook of mobile communication studies*. Cambridge: MIT Press, 2008.
- _____. *Alone together: why we expect more from technology and less from each other*. New York: Basic Books, 2011a.
- _____. *De draagbare revolutie: interview door Margriet Oostveen in het NRC Handelsblad*. Disponível em: <<http://archieff.nrc.nl/index.php/2011/Februari/19/Wetenschap/w11/>>. Acesso em: 22 fev. 2011b.
- WALSH, S. P.; WHITE, K. M.; YOUNG, R. M. Over-connected?. A qualitative exploration of the relationship between Australian youth and their mobile phones. *Journal of adolescence*, London, v. 31, n. 1, p. 77-92, 2008.